

JENNIFER INGLEHEART ed. (2015) *Ancient Rome & The Construction of Modern Homosexual Identities*. Oxford, Oxford University Press, 358 pp. ISBN 9780199689729 (£70.00).

Cremos poder afirmar que, com este livro, a Oxford University Press oferece ao público acadêmico-científico mais um excelente contributo para o estudo do género e da sexualidade no Mundo Antigo, mais concretamente, sobre a Roma Antiga. Com efeito, depois da publicação do estudo de C. A. Williams (*Roman Homosexuality: Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity*, 1999; republicado em edição revista em 2010), também pela OUP, o conjunto de estudos agora coordenados por J. Ingleheart deverá constituir a obra mais significativa sobre a problemática em questão, ainda que, neste caso, as análises não se limitem à Antiguidade. Esta especificidade é particularmente importante se levarmos em conta que, de um modo geral, as atitudes dos Romanos relativamente à homossexualidade não eram absolutamente coincidentes com as dos Gregos, o que tem sido destacado amiúde pelos especialistas. Ou, pelo menos, se houve atitudes coincidentes, também as houve claramente distintas, dependendo da época, da geografia, do grupo social, por exemplo.

Com efeito, o facto de a temática deste volume extravasar os limites da Antiguidade é outro dos aspectos a destacar destes trabalhos. O objectivo que os determina é, na verdade, o horizonte da recepção, aliando assim a problemática da sexualidade no Mundo Antigo aos seus ecos modernos e contemporâneos. Tratandose de temáticas perenes na História da Humanidade, é naturalmente relevante que haja nelas um interesse talvez acrescentado, visto que as questões que se colocam em termos de continuidades e rupturas, entre as atitudes e concepções conhecidas na Antiguidade e equivalentes modernos, surgem quase de forma inata. A essa curiosidade, que não deixa de ser de teor científico, unem-se formas de interdisciplinaridade, para as quais concorrem os contributos da Filologia e da História, evidentemente, mas também de outras ciências.

Assim, o livro em recensão divide-se em três partes, sendo a primeira delas dedicada ao tema *Romosexual Encounters in Writings from the Renaissance to the Modern Period*. Como facilmente se percebe, o conceito de «Modern» é aqui utilizado com vista à contemporaneidade, o que justifica a inclusão, nesta parte, de estudos dedicados à sexologia inglesa, ao romance maldito *Teleny* (atribuído por alguns a O. Wilde), a G. Vidal, a R. Graves e a S. Saylor. Como é evidente, nesta parte, há tendência para destacar, e quanto a nós bem, pela sua pertinência analítica, uma certa necessidade que determinados autores e obras sentiram de legitimar e de radicar enredos e opções literárias, com as quais demonstraram opiniões e sentimentos pessoais, na Roma Antiga. A segunda parte, *Romosexuality in the Visual Arts*, tem como denominador comum as artes visuais, incluindo o cinema, como atesta o

contributo de A. Blanshard. Aliás, nesse estudo, traz-se à colação o tema da homossexualidade em produções cinematográfico-televisivas, como os celebrados *BenHur* da MGM e *Spartacus* da STARZ, e as formas distintas e de certo modo «inovadoras» como aí foi tratado, qual sintoma dos tempos que produziram tais espectáculos. A terceira e última parte, *Two Romosexual Authors and their Influence*, centra-se na literatura latina de Catulo e Marcial (mais concretamente uma tradução oitocentista de Marcial), com dois excelentes contributos de R. J. Hexter e C. Williams.

A escolha dos subtítulos para cada uma das partes é também significativa. Com eles, a coordenadora do volume como que cria um novo conceito: o de Romossexual ou de Romossexualidade. A intenção parece ser a de claramente especificar ou determinar as especificidades da sexualidade em Roma, nomeadamente no que diz respeito à homossexualidade. Não temos a certeza de que a proposta de Ingleheart seja absolutamente absorvida pela comunidade académico-científica. Mas fica a proposta e a sua pertinência.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História

BRETT M. ROGERS & BENJAMIN ELDON STEVENS eds. (2015) *Classical Traditions in Science Fiction*. Oxford, Oxford University Press, 380 pp. ISBN 9780190228330 (£64.00).

Quem, como nós, viveu a infância e a adolescência nos anos 70 e 80 do século XX, num país da Europa Ocidental, conheceu produções cinematográficas e televisivas que deixaram marcos na cultura popular do século passado, como *Star Wars*, *Space 1999* ou *Battlestar Galactica*. Quando os estudos de Cultura Clássica passaram a fazer parte da nossa formação académica e científica, esses espectáculos da era moderna foram naturalmente sujeitos a crivos e a releituras, aos quais não faltou a perspectiva da tradição greco-latina. A título de exemplo, dificilmente deixaremos de relacionar conceitos como «império», «senado» ou «república» (já para não falar do enredo de sabor épico-trágico em si mesmo), estruturantes no enredo de *Star Wars*, ou títulos como *Ultima Thule*, com que um dos episódios de *Space 1999* é nomeado, com essa tradição clássica. Por conseguinte, não é de todo de espantar a publicação de um livro subordinado a um tema como o do que recenseamos de momento. O seu lançamento só pode ser entendido como muito bem-vindo e, eventualmente, só peca por tardio.

Integrado na colecção *Classical Presences*, da Oxford, cuja temática de base são os estudos de recepção, podemos incluir esta publicação num âmbito mais alargado, como o que ultimamente nos tem oferecidos trabalhos sobre a presença e influência clássica na literatura contemporânea, no